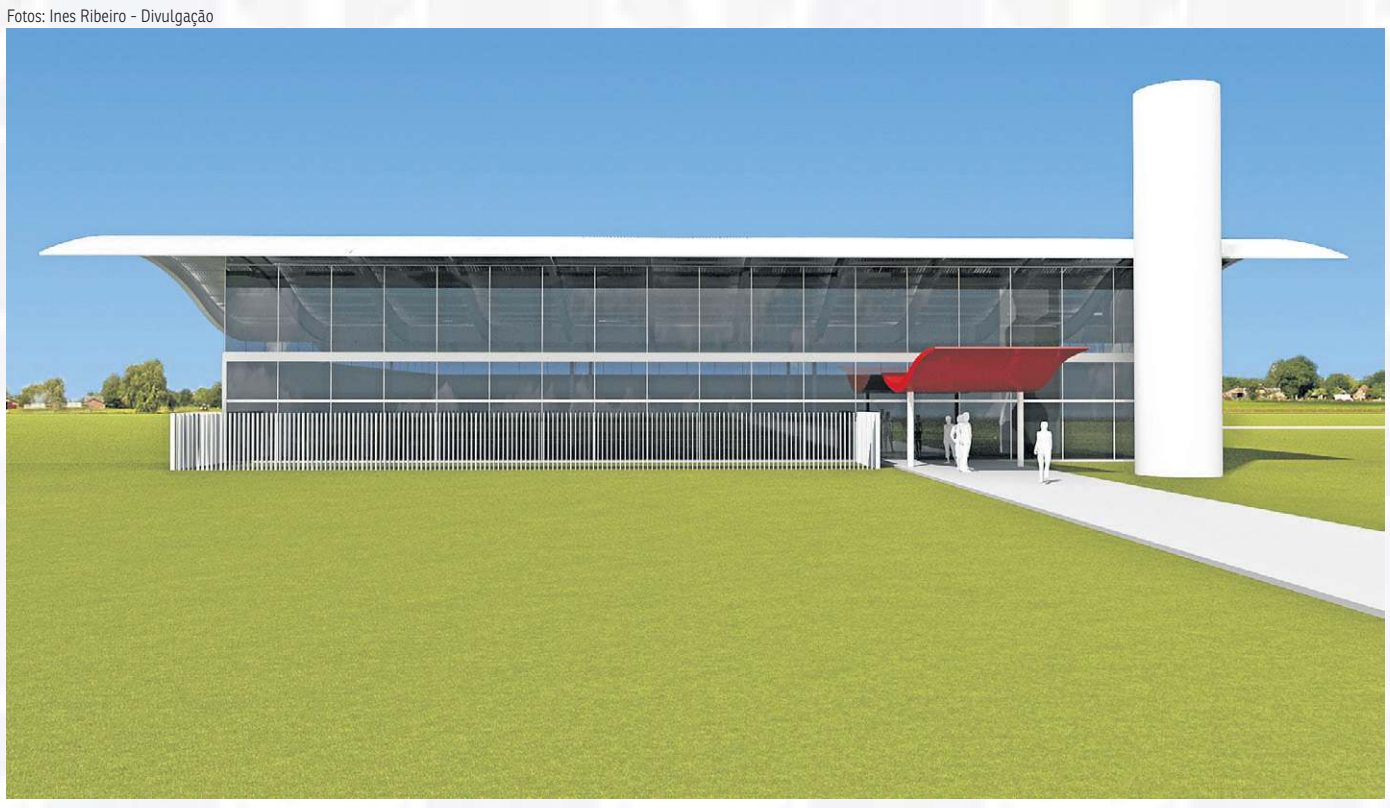
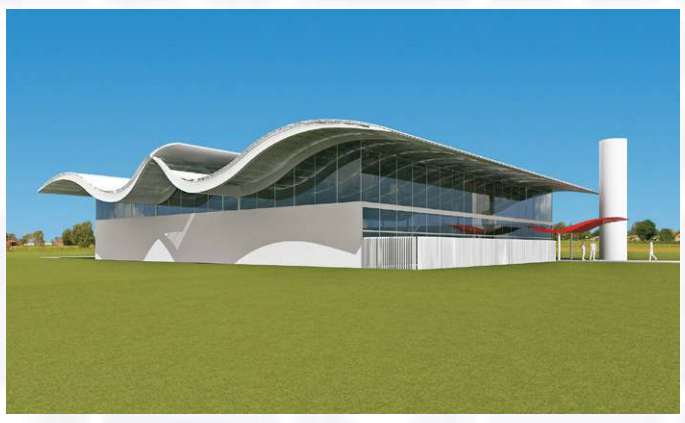
Fotos: Ines Ribeiro - Divulgação



Interrompido em 2009, o processo de concessão de TERRENO NO EIXO CULTURAL Ibero-Americano para a SEDE DA FUNDAÇÃO ATHOS BULCÃO será retomado esta semana com AUDIÊNCIA PÚBLICA no Museu Nacional da República



Uma casa para Athos Bulcão

» NAHIMA MACIEL

O processo de doação de um terreno por parte do Governo do Distrito Federal para a construção da sede da Fundação Athos Bulcão foi interrompido por um furacão político em 2009. Dias antes de a operação Caixa de Pandora, que desmantelou um esquema de corrupção e resultou na condenação do então governador José Roberto Arruda, uma cerimônia oficial anunciava a cessão de um terreno no então Complexo Funarte (hoje Eixo Cultural Ibero-Americano), no Eixo Monumental, para a instituição dedicada a preservar a obra de Athos.

No entanto, a crise política acabou enterrando a proposta, que nunca mais voltou à pauta dos governadores que comandaram o Distrito Federal nos anos seguintes. "Desde então, nós nos reportamos a todos os governadores desta cidade pedindo que isso fosse retomado, porque o terreno não foi doado, mas não tivemos um desdobramento. Ninguém teve vontade política", lamenta Valéria Cabral, secretária executiva da Fundação Athos Bulcão. A ideia será retomada esta semana quando, na sexta-feira, às 11h, uma audiência pública realizada no auditório do Museu Nacional da República convocada pelo secretário de Cultura, Claudio Abrantes, vai discutir a cessão do terreno."Diversos setores da sociedade civil foram convidados. Todos interessados no legado de Athos Bulcão", diz Abrantes. A audiência tem o objetivo de ouvir a sociedade acerca de possível cessão de terreno para que a Fundação Athos Bulcão construa a sede. Os próximos passos serão realizados no âmbito do Governo do Distrito Federal. "A Secec está comprometida em auxiliar a Fundação Athos Bulcão a alcançar a sanidade financeira. Para que possa continuar exercendo sua função primordial de preservar a memória de Athos Bulcão, garante o secretário.

Valéria Cabral, secretária executiva da Fundação Athos Bulcão

A Fundação Athos Bulcão, que hoje funciona na 510 Sul, foi criada em dezembro de 1992 para preservar a obra do artista, que morreu em julho de 2008. Além de deter os direitos de reprodução da obra e comercializar produtos, gravuras e azulejos com os motivos criados por Athos, a instituição também realiza programas como o Descobrindo Athos, que no ano passado ganhou verba de manutenção do Fundo de Apoio à Cultura (FAC). Parte do projeto consiste em receber crianças de escolas públicas para oficinas de exploração da obra do artista. No local, além de uma exposição com a produção de Athos, há uma galeria destinada a mostras de outros artistas e um lugar reservado para guardar o acervo de 700 peças doado pelo artista para a fundação que leva seu nome.

Em 2008, o arquiteto Luis Filgueiras Lima, conhecido com Lelé, criou um projeto para a sede da fundação, que seria construída no terreno cedido pelo GDF. No desenho de Lelé, constam duas galerias, um teatro, um espaço para loja e café e outro para abrigar o acervo. Na época, o arquiteto estava envolvido na construção do Beijódromo, na Universidade de Brasília (UnB) e sugeriu que, caso houvesse o terreno, ele poderia aproveitar o canteiro de obras já montado para dar início à construção da sede. Mas as obras nunca começaram. "Apresentamos o projeto quando o Paulo Otávio, que era vice-governador, lançou a pedra fundamental do terreno, em 2 de julho de 2009. Mas aí o governo acabou", lembra Valéria, que trabalha na fundação desde 1996. Em entrevista, ela fala sobre a urgência de ter uma sede própria para um dos artistas mais importantes da cidade.

ENTREVISTA
Valéria Cabral

Qual a situação da fundação hoje?

Conversei com Leandro Grass (presidente do Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional) para que ele intercedesse junto à Secretaria de Patrimônio da União para conseguirmos um espaço para funcionar sem ônus até que a gente consiga o terreno e, depois, o dinheiro para a construção da sede. Nós estamos hoje num imóvel alugado e que, depois da pandemia, ficou muito difícil de manter, então estamos muito apertados, financeiramente falando. Foi tudo muito difícil, a gente teve um desequilíbrio econômico muito grande. Os preços ficaram muito elevados, houve aumento no valor dos produtos muito grande e ninguém aceita uma encomenda se você não der 50% do valor adiantado. E se a gente repassa para o cliente, ele reclama, porque ele também passou por aperto pandêmico. É um ciclo vicioso, o desequilíbrio aconteceu com todo mundo.

De onde vem o dinheiro para sustentar a fundação hoje?

Do nosso trabalho. No ano passado, fomos contemplados com o edital FAC de manutenção para o projeto Descobrindo Athos. Nesse edital, temos um dinheiro que paga quatro meses do nosso aluguel, dinheiro para os ônibus para buscar as crianças nas cidades. Eles são recebidos por uma arte educadora, visitam uma pequena exposição sobre quem era o Athos, visitam a fundação, fazem as oficinas de criar os próprios azulejos e vão ver as obras aplicadas. Recebem lanche e material para as oficinas. Este ano, foram 12 escolas nesse projeto. O resto do ano a gente trabalha com os produtos que vendemos na loja, que basicamente nos sustentam, exposições das obras de Athos que dão taxa de empréstimos e os paineis que vendemos para os interiores das residências. A fundação não tem aporte financeiro de nenhum órgão, nem federal nem distrital, ao contrário do Memorial JK, do Espaço Lucio Costa, do espaço Israel Pinheiro. Todo mundo tem aporte financeiro, menos o Athos.

Por que, na sua opinião, a fundação não consegue despertar o interesse público?

Não sei o porquê. Agora o Espaço Oscar Niemeyer, depois de anos fechado, foi para as mãos da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF. Não sei por que. O que sei é que a gente faz um trabalho muito importante para a educação das crianças, porque o Athos é matéria obrigatória desde 2009 nas primeiras séries do ensino fundamental. A gente recebe as escolas, dentro do projeto do FAC, a gente faz palestras, oficinas gratuitas, lançamento de livros. A gente desenvolve esse trabalho para colaborar com a população, com a preservação e divulgação do trabalho e do nome de Athos Bulcão.

Qual a importância de ter uma sede definitiva?

Primeiro, não pagar o aluguel, que é a maior parte da despesa. Mas antes de mais nada, porque o Athos merece. É uma casa para Athos Bulcão. Todos têm, por que ele não? Por que um homem que doou 50 anos de sua vida e seu trabalho para a cidade é o único que não tem um espaço para chamar de seu? E temos um lindo projeto de arquitetura feito pelo Lelé para construir a fundação. Nesse projeto, temos um museu para expor aproximadamente 700 obras de Athos que temos no acervo, uma segunda galeria para oferecer para outros artistas, tem um espaço multiuso, a loja, um café.

E como seria viabilizada a construção dessa sede?

Como somos uma instituição sem fins lucrativos e o terreno é público, é o lote 12 do Complexo Funarte. Para que seja concedido o terreno, é preciso que haja a anuência da população e das autoridades, por isso a audiência, porque senão tem que ter uma licitação. Não é uma doação, é uma concessão por 30 anos renováveis. Tivemos uma conversa com o presidente do BRB, que prometeu colaborar por meio do instituto e ajudar com outros empresários da cidade para que a gente tenha como fazer a construção.

Qual o papel da audiência pública nesse processo?

É preciso que a população e que as pessoas convidadas pelo Claudio Abrantes concordem que o terreno pode ser concedido para à fundação sem licitação. Representantes do patrimônio, do IAB e o Arquivo Público estão na mesa, além de pessoas que importam nesse quesito de conceder o terreno para a conservação de um artista que é brasileiro mas que, basicamente, é nosso, de Brasília. As pessoas podem ir à audiência para se manifestar, isso é importante.